

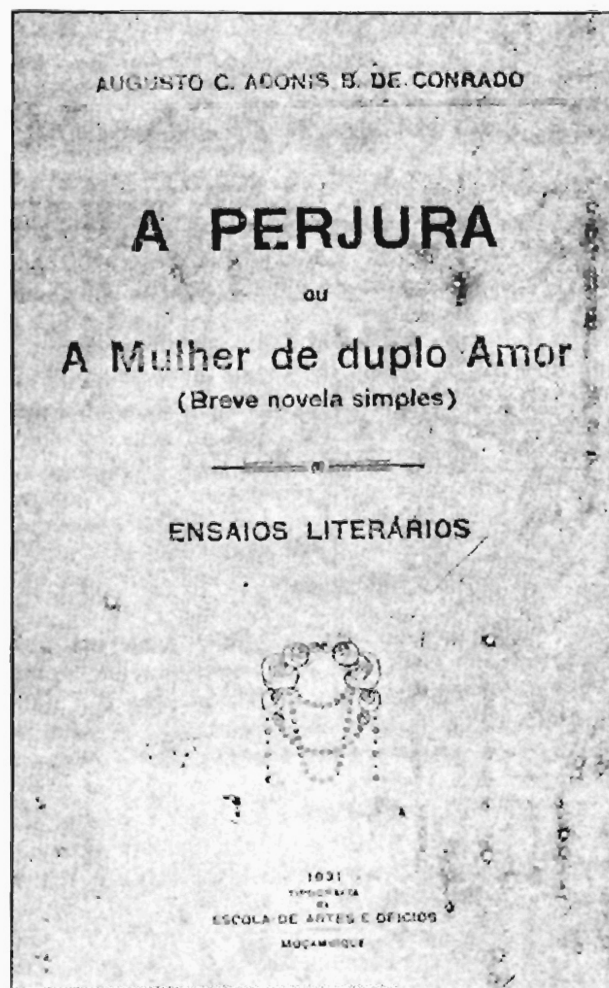
AUGUSTO CONRADO

“A perjura ou a mulher de duplo amor”

- Apresentação de um nome
de uma novela
e de uma polémica

Por Manuel Lemos

Tivemos conhecimento, há pouco tempo, da existência de mais um livro publicado (1) do não muito conhecido escritor moçambicano Augusto C. Adonis B. de Conrado, abreviado Augusto Conrado, intitulado «A Perjura ou a Mulher de duplo Amor (Breve novela simples) [Ensaio Literário]», este trabalho não vem mencionado na vasta e muito útil «Bibliografia das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa», de Gerald Moser e Manuel Ferreira [Lisboa, 1983], nem, mais recentemente, no artigo de divulgação «Augusto de Conrado. Uma voz de sempre», de Eduardo White [«Tempo» n.º 736, 1984], que, daquele autor, apenas referem as obras «Fibras d'Um Coração (Prosas Simples com Pretensão a Versos)» [Moçambique, 1933] e «Divagações» [Lisboa, 1938]. Dada a oportunidade, achámos por bem alargar esse conhecimento a quem porventura se interesse por estes assuntos, divulgando (as circunstâncias em que foi produzido) o referido livro e, a propósito, alguns elementos da vida e da obra de Augusto Conrado, conseguidos aqui e ali.



DADOS BIBLIOGRÁFICOS

Augusto Conrado, de nome completo Augusto C. Adonis B. de Conrado, terá possivelmente, nascido em Inhambane (ver «Meu Inhambane», «Fibras d'Um Coração», pp. 44-45), a 6 de Junho de 1904 (White, p. 47): dos seus progenitores, sabe-se apenas o nome da mãe, Maria Francisca Olga Ismália Mendes Dias Adonis B. de Conrado («Divagações», p. 116, dedicatória). Terá vivido algum tempo em Lourenço Marques, onde frequentou o curso de enfermagem («João Albasini», O «Brado

Africano n.º 447, de 25/8/28, 1.ª pag.), actividade que o faria partir, em 24 de Novembro de 1929 («Fibras d'Um Coração», p. 59), para o Norte de Moçambique, onde ia «cumprir o dever de cidadão e de funcionário da Nação» («Divagações», p. 33); ainda em Lourenço Marques, ter-se á relacionado com algumas figuras ligadas ao meio cultural suburbano de então, pertencentes, como ele, à «elegante sociedade africana» («Fibras d'Um Coração», p. 17), como eram os casos dos seus «amigos e cidadãos» Jorge José Albasini, Luiz Pimentel, Jorge Justino Dias, Armando Aleixo Samuel, Eusébio Macário, José Albasini, Adão Justino Dias (Idem, p. 16), António Paulino Albasini (Idem, p. 37), Luiz Tercitano e Miguel da Mata (Idem, p. 51), a quem dedica alguns dos seus poemas.

Datam de 1927, como ele refere, os seus primeiros «pensamentos poéticos» («Divagações», p. 48 K), posteriormente vertidos para o papel. Tanto quanto nos é dado conhecer, os seus primeiros escritos públicos surgem em «O Brado Africano», no longínquo ano de 1928, em homenagem póstuma à artista negra Florence Mills e a João Albasini, respectivamente (O «BA» n.ºs 445 e 447). Também dedicado a este último, publica em 1929 um breve texto, de prosa poética, intitulado «A Liberdade de Escravo», a que chama Ensaio I, escrito em Vila Luíza (Marracuene), a 22 de Julho daquele ano.

No Norte de Moçambique, mais precisamente em Muecate (no então distrito de Moçambique, Província do Niassa), escreve «Fibras d'Um Coração» e outros (mais de três) livros, a que se seguem «A Perjura» e «Ávê Beleza», estes dois últimos já na Ilha de Moçambique («Fibras d'Um Coração»: «Preâmbulo») (2).

O primeiro livro publicado

Terminada em Abril de 1931, impressa pela Tipografia da Escola de Artes e Ofícios local e publicada, nesse mesmo ano, «A Perjura ou a Mulher de duplo Amor (Breve novela simples [Ensaio Literários])» é o primeiro livro publicado de Augusto Conrado, apesar de não ser a sua primeira obra, como atrás deixámos escrito. A esse propósito, são suas as seguintes palavras, transcritas do «Preâmbulo» «rigorosamente posfácio» de «Fibras d'Um Coração», datado de Março de 1933:

«E nesta efervescência de cáos de pensamentos, não podia só escrever o «Fibras de um Coração». Escrevi mais de três livros. E essa bagagem dos meus pensamentos, está a jazer no fundo da minha já arruinada mala. Foi em Muecate onde amontei estas cousas.

— A «Perjura» e «Ávê Beleza», este último, ainda inédito, foram escritos em Moçambique, depois de «Fibras de um Coração» e outros que disse estar sepultados no fundo da mala, à espera pela vinda do Messias, para sua resurreição e julgamento ... E o Messias tarda. E eu não sei, como isto hade ser ...» (3)



Foto de Augusto Conrado; reproduzida da sua obra «Divulgações» (1938)

Os outros livros a que se referia seriam, além do mencionado — (3) e, até então, inédito — «Ávê Beleza», «O Rutilar das Saphiras (Prosas simples com pretensão a versos)», «Simples Rustiquezas Ridículas (Idem) Sátiras», «Lindos Olhos da Lúcrécia (Breve novela simples)», «Como a Mulher se Vingá (Idem)» e «A Tragédia (Um pequeno conto ...)», todos eles anunciados em preparação em «A Perjura». Não sabemos se algum deles chegou a ser publicado, pois as dificuldades para o fazer eram muitas, como ele próprio refere, na mesma obra:

«Mas infelizmente o autor não dispõe de meios para fazer sair como queria estes livrinhos simplíssimos dos seus ensaios literários; e mais porque a sua situação agravou-se ultimamente à pontade dos senhores da terra que entenderam que tinha chegado a sua dele vez de andar pelas ruas a pedir esmola ... ou antes — que diabo, não sejamos ingratos com os altruistas que pensam como verdadeiros filósofos protectores das raças injustamente inferiorizadas e egoisticamente expesinhadas ... — investiram-no no alto cargo, no supremo cargo de

«Geral Inspector Superior de Agrimensura Universal»

Mas que assombrosa Deferência a destes Aequis! ...»

Em 1932 encontra-se — por qualquer razão, que desconhecemos, e por período indeterminado — em Tete (na então Província da Zambézia), onde teria feito algumas alterações ao poema «Ádeus! Maria» — pertencente, como ele refere, ao seu pe-

queno e inédito livro intitulado «Adeus, Maria» Saudade» —, inserido em «Fibras d'Um Coração (Prosas Simples Com Pretensão a Versos) [Ensaaios Literários]» (pp. 103-107), obra publicada em 1933, em Moçambique (Ilha), e também impressada pela Tipografia da Escola de Artes e Ofícios local (5). Incluída neste livro, a composição «África! Minha Querida Mãe!» teria constituído motivo para o levar à prisão [White, p. 47], onde redigiria, em Junho de 1933, o poema «Alegria», mais tarde publicado em «Divagações» (p. 7) [White, p. 49].

Entre 1934 e 1936 encontra-se em Geba, Memba, (Autógrafos, em «A Perjura» e «Fibras d'Um Coração»; «Divagações», pp. 11, 31 e 42) e em 1937 e 1938 na Empresa Agrícola do Monapo («Divagações», Prefácio e p. 48-K). É deste último lugar que envia para publicação o livro «Divagações [! Tentames Literários]», vindo a lume em Lisboa, em 1938, através da Imprensa Lucas & C.^a

Até 1941, pelo menos, mas sem regularidade, mantém colaboração literária no jornal «O Brado Africano» (White, pp. 47, 48 e 49).

UMA NOVELA DE AMOR

«A Perjura ou a Mulher de duplo Amor», como o próprio autor indica, é uma novela, de 46 páginas, que tem por tema o (duplo) amor de uma mulher (Leonôr Maria de Santa Helena) por seu esposo (Luiz de São Miguel) e por um amante (o cidadão italiano «de Miguelethi»), um caso típico de amor profano. O enredo decorre em lugar não especificado, mas presumivelmente numa cidade colonial portuguesa (Loureço Marques?), envolvendo um casal pertencente à «élite» local e um funcionário consular italiano. Augusto Conrado descreve assim essa tríplice relação amorosa:

Leonôr, não obstante amar de Miguelethi, amava também e muito com toda alma — admitindomos a hypotse: a Mulher tem duas almas e dois corações que habilitam-na a amar dois homens com mesma efusão, com mesma intensidade, pois não vimos a Leonôr amar também ao de Miguelethi com coração e alma? — e muito com todo coração ao Luiz.

E por isso quando Luiz partiu, ela chorou de saudades e chorou de santo amor que o consagrava. Confrangeu-se.

Estava o seu dela coração mergulhado n'um mar de saudades profundas e afectos por Luiz, como se ele tivesse ido para alguma batalha de morte, quando a criada veio anunciar-lhe ao cidadão italiano, o senhor de Miguelethi.

Foi logo atacado de outro acesso, mas este de alegria.

Sentiu-se feliz! — Vão vocês compreenderem a Mulher!

Para Mulher não existiu nunca distancia relativamente curta.

Um passo que o homem der é para ela uma infinidade de caminhadas ...

Com partida de Luiz para as quintas com ela terminou a imiscível neurastenia ... dos dois adulterios no enlço de honra ...

Acreditaram estes profanadores, em um deus protector dos Amantes ... Exaltavam-na a sua preexcelência ... louvando-o com saborosos beijos sonoros que filtravam nas suas unidas bocas o dulcificante mel que lhes envidava os sentidos de prazeres.

Sentiam vida no coração. E eles sentiam-se mergulhados n'um eterno mar de rosas regados pela água fecundante que doura ... que abluie a honra, que excessiva a desapurificação de honras e de santas sinceras virtudes ...

Um sorriso da Leonôr era para o de Miguelethi um delicioso e consonante cântico dos anjos bemdizendo o seu deles amor feito de docuras ...

— De Miguelethi! meu lindo amor! ... Como sou inteiramente feliz por te amar tanto ...

— E eu, Leonôr? Sinto deliciosa vida ... os teus gloriosos braços feitos de ternura ... os teus dulcíssimos beijos e ... tú toda, minha divina, são melifluidades que neste êden de rosas maviosas me esculentam ...

— Ah! como é súbime este amor, meu querido de Miguelethi! ...

— É o mel da vida, minha alma! ...

As suas deles bocas uniam-se ... devoravam-se ...

Os seus deles braços, n'um amplexo, enlaçados fortemente com os nervos de ancia, os seus corações chocavam-se, os seus corpos, assim apertados sensualmente em gestos impudicos, vibrantes, formavam consubstancialmente um só corpo ...

O de Miguelethi sentia felicidade, que ascendia dulcificancias aromáticas de vida, em todo o seu dele «eu».

Leonôr estava radiantíssima ... — dulcíssima!

Ambos estavam n'um aurifulgente céu onde se vive de dulcificante eterno «Bom».

Mas — e isto tem tanta graça — apesar de tudo, quando o de Miguelethi se despedia da sua amante, chorando-se-lhe o coração ... logo que ele se desaparecia das portas do palácio, a Leonôr voltavam-se-lhe torturantes saudades por Luiz, seu dela querido esposo, e chorava convulsa.

Há possibilidade de admitirmos que a Mulher pratica a Poliandria inconscientemente?

Vão lá vocês entender o misterio que encerra o coração — corações porque eles são dois — sensível de Mulher!

Que constância, que fidelidade n'aquela abismo de honras! ...

Leonôr não era uma apostada dos afectos do esposo e nem tam pouco antípoda dos sentimentos lenocinios do de Miguelethi». (pp. 31 a 33).

A intriga culmina com o abandono do lar por Leonôr, que não hesita em acompanhar o amante no seu súbito e urgente regresso ao país de origem. O marido, na altura ausente, quando volta e toma conhecimento do que acontecera, nada mais pode fazer senão entregar-se à dor ...

NOTAS:

- 1 — Trata-se de um exemplar pertencente ao Arquivo Histórico de Moçambique, autografado em 31/8/34 e oferecido pelo autor, na altura em Geba (Memba, distrito de Moçambique), «à ilustre Redacção do Jornal «Emancipador». De acordo com o «Catálogo dos Periódicos Moçambicanos, 1854-1984» (inédito, da autoria de António Sopa, este jornal, de feição socialista-operária, que se publicou entre 1919 e 1937, era propriedade da Empresa de (Propaganda) «O Germinal» (Sociedade Cooperativa de Publicidade) e teve, durante algum tempo, a Redacção e a Tipografia instaladas na «Casa do Trabalhador», na então Lourenço Marques. Curiosamente, o exemplar de um outro livro de Augusto Conrado, «Fibras d'Um Coração», existente no Arquivo Histórico de Moçambique, foi autografado na mesma data que o de «A Perjura» e oferecido pelo escritor «à Biblioteca do povo na benemérita Casa dos Trabalhadores» (sic), que cremos ser a atrás aludida «Casa do Trabalhador».

- 2 — «Fibras d'Um Coração» teria sido manuscrito antes de 1931 e «A Perjura» em 1931. Enigmaticamente, para nós, no final de cada um destes livros vêm os seguintes dizeres (p. 123 e p. 43, respectivamente): «O M. 2.º P. e O M. 3.º P.». Queria o autor, com eles, indicar uma ordem de produção?
- 3 — As transcrições respeitam, na íntegra, o original (dada a dificuldade de se distinguirem os erros tipográficos dos ortográficos não obstante as erratas apresentadas pelo autor no final do livro), evitando-se, assim, a sua modificação.
- 4 — Metaforicamente, Augusto Conrado queria reforçar a afirmação anterior, dando a entender que havia sido posto no desemprego, a expressão será equivalente a «contar estradas», que (é usada e) também significa, de modo figurado, na linguagem popular, estar desempregado.
- 5 — Conforme vem referido na última página de «Fibras d'Um Coração», «foi executado este livro, pelos alunos da Escola de Artes e Ofícios de Moçambique, sendo começado no ano de MCMXXII, e concluído no mês de Março de MCMXXXIII, pertencendo a responsabilidade literária, gramatical e ortográfica ao autor». Esta informação e as datas do posfácio (Março de 1933) e da capa (1933) é que permitem determinar o ano de edição da obra, anulando o inscrito na folha de rosto (1931).